

# **O uso da Aula Expositiva no Ensino da Contabilidade: estudo empírico com os dados do Exame Nacional de Cursos (provão)**

## **Autores**

**DOUGLAS TAVARES BORGES LEAL**

Universidade de São Paulo

**EDGARD BRUNO CORNACHIONE JÚNIOR**

Universidade de São Paulo

## **Resumo do projeto**

A aula expositiva (também conhecida como preleção) é um método de ensino no qual o professor expõe em sala de aula conteúdos visando a sua compreensão pelos alunos. Percebe-se, porém que a utilização única deste método pode acarretar alguns problemas, como por exemplo, a passividade do aluno que não desenvolverá no processo de ensino-aprendizagem habilidades como o espírito crítico e participativo, tão importantes para o exercício da sua profissão. De acordo com diversas pesquisas sobre o ensino da contabilidade, o grau de utilização deste método nos cursos superiores de Ciências Contábeis é surpreendente. Sendo assim, o presente estudo teve o intuito de verificar a relação entre a utilização deste método e a qualidade do aluno que se forma nos cursos de Ciências Contábeis no Brasil. Para tanto, foram realizadas pesquisas empírico-bibliográficas baseadas em entrevistas com professores e alunos do curso de Ciências Contábeis da FEA/USP e, também, em dados relativos ao Exame Nacional de Cursos (provão) promovido pelo INEP-MEC nos anos de 2002 e 2003. Como resultado, verificou-se que o desenvolvimento de competências de formação foi maior pelos contadores recém-formados que foram submetidos ao método de exposição com participação do que pelos que tiveram preponderantemente o método da exposição nos seus cursos de graduação.

## **1 – Introdução da Pesquisa**

### **1.1 – Contextualização**

Um mundo onde constantemente impõem-se desafios aos seres humanos e requer-se deles uma capacidade mínima de interpretação de suas relações entre si e com o ambiente em que vivem, vê a educação como algo imprescindível. Essa, institucionalizada pela escola, é a única capaz de formar um cidadão que saiba conceber e construir sua própria emancipação político-econômica. A escola é o momento da vida de um cidadão que antecede a sua prática social. É o espaço em que o educando pode vivenciar e ter contato com problemas e questões que são elaborados para estimular seu raciocínio crítico e desenvolver sua criatividade.

Porém, vemos com muita ênfase nos últimos tempos, que a qualidade do ensino em geral e especificamente do ensino superior, tem sofrido influências que podem até comprometer seu objetivo. Problemas como o acesso à universidade, despreparo dos professores, precariedade de instalações e má gestão de algumas faculdades, altos números de alunos por sala, evasão e utilização de métodos de ensino deficientes têm chamado a atenção da sociedade por conta de eventuais conseqüências que podem provocar.

Alterações nas condições de ensino dos cursos como o de Ciências Contábeis é muito preocupante pelo fato de que o contador tem uma enorme importância para o desempenho de um papel transparente que atenda a necessidade político-democrática de responder pelas ações das organizações que usam os recursos da sociedade para a execução de suas operações. Sujeitar a formação deste profissional à baixa qualidade é comprometer o ato de

responsividade (compromisso e resposta à sociedade, no contexto político), tão valioso a qualquer nação.

Percebemos, entretanto, que o método de ensino mais utilizado no ensino superior de Ciências Contábeis no Brasil é o da aula expositiva (ou preleção). Este por sua vez, apesar do seu grau de adoção, é carregado de problemas. Sendo um método que dirige a atenção exclusivamente ao professor, condiciona o aluno a uma posição passiva de ouvinte no processo de ensino-aprendizagem não despertando nele um espírito crítico, participativo e transformador.

## **1.2 – Objetivos**

Com este estudo procura-se colaborar na busca da qualidade do ensino superior de contabilidade evidenciando problemas que tangem a sua atual situação e comparando-os com literatura já existente sobre o tema em questão. A utilização exclusiva do método da preleção não promove uma integração professor-aluno, havendo transferência vertical de conhecimentos (do professor para o aluno) ao invés de uma troca horizontal (de igual para igual) proporcionada por outros métodos. A concepção da educação apoiada por esse método não prioriza a construção conjunta do conhecimento, mas sim a sua exposição pelo professor.

Já que este método é tão adotado, a questão desta pesquisa é a seguinte: *existem correlações significativas entre variáveis ligadas ao método de ensino praticado nos cursos superiores de Ciências Contábeis no Brasil e a sua contribuição de formação para o aluno?*

A realização deste estudo se dará por meio de análise aprofundada e específica do método das aulas expositivas e suas aplicações nas Instituições de Ensino Superior do Brasil que promovem o curso de Ciências Contábeis. Será fundamentado por pesquisa empírico-bibliográfica com fontes que sirvam como parâmetro de comparação e favoreçam a presente investigação.

## **1.3 – Metodologia**

A presente investigação se valerá das seguintes técnicas ou formas de observação e coleta de dados:

### *1) Documentação Indireta*

Será feita a divisão desta etapa de trabalho na pesquisa em duas técnicas ou fontes:

#### *1.1) Pesquisa Bibliográfica*

O Exame de obras sobre as áreas do conhecimento que envolvam o tema em questão tais como artigos, folhetos, teses, livros, dados na Internet e textos das mais variadas espécies.

#### *1.2) Pesquisa Documental.*

Para Lakatos (2003, p.174), “a característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias”. Nesta etapa serão analisados dados estatísticos relativos aos provões de 2002 e 2003 dos cursos de Ciências Contábeis do total das faculdades no Brasil que foram cordialmente disponibilizados pelo INEP-MEC especialmente para esta pesquisa. Os aspectos que serão avaliados dizem respeito ao desempenho dos alunos do curso de Ciências Contábeis das IES do Brasil, bem como os resultados das outras avaliações conferidas pelo órgão referentes à qualidade de ensino da instituição e o parecer dos graduados que realizaram o provão.

### *2) Observação Direta Intensiva.*

Quanto a este item, pode ser feito “através de duas técnicas: observação e entrevista” (Lakatos, 2003, p.190). O objetivo principal de uma entrevista é “a obtenção de informações do entrevistado, sobre determinado assunto ou problema” (Lakatos, 2003, p.196). Para complementar as análises dos dados coletados pelos processos descritos anteriormente, foram feitas entrevistas com pessoas diretamente envolvidas no processo de ensino-aprendizagem dos cursos de ensino superior de Ciências Contábeis que expuseram sua realidade prática e suas vivências com o método da preleção. Estas entrevistas foram efetuadas com:

- Professores do curso de Ciências Contábeis da FEA/USP a respeito das experiências com as aulas expositivas e as suas concepções sobre as competências necessárias do contador.

- Alunos do último ano do curso de Ciências Contábeis da FEA/USP com o objetivo de evidenciar sua posição no que se refere ao método das aulas expositivas, as habilidades desenvolvidas no curso e o perfil do contador.

## **2 – Revisão Bibliográfica**

### **2.1 – O novo perfil profissional do Contador**

Dentro de uma organização os contadores podem atuar de diversas maneiras contribuindo tanto para o bom funcionamento interno do negócio quanto para o atendimento de suas necessidades externas. Para exercer sua função, é preciso, então, que eles estejam bem preparados, ou seja, que tenham uma formação que os habilite a desenvolver sua rotina de trabalho.

Silva (2003, p.37) nos diz que “a educação sistêmica de gestores, bem como o desenvolvimento de novas habilidades e que levem à competência de profissionais têm sido bastante enfatizados nos últimos anos, devido, principalmente, às inovações da tecnologia de informação para a automatização de atividades que vêm transformando significativamente os ambientes organizacionais”.

Ao se referir ao novo perfil do profissional contábil, Marion (1998, p.6) aponta certas aprendizagens necessárias para o mesmo como “saber lidar com pressões, frustrações, ser integrado e, principalmente saber criar empatia com os outros, evitando julgamentos críticos baseados em sensações e não em fatos”. A necessidade de tais habilidades para o contador é, segundo Marion (1998, p.6), o fato de que na profissão contábil, mais do que em outras profissões, encontram-se situações que exigem uma postura de “administração de conflitos”.

Percebemos que no contexto atual o contador não pode mais se limitar às habilidades as quais utiliza exclusivamente em suas atividades rotineiras. Deve sim ter uma visão ampliada que considere o ambiente organizacional e que possa ser crítica na medida que “assuma atitudes, defenda valores, se engaje em campanhas, se sacrifique mesmo, porém de forma consciente, autônoma e responsável” (NÉRICI, 1989, p.30).

### **2.2 – Formação superior do Contador**

Para que as novas responsabilidades que são exigidas do contador sejam atendidas, é preciso que ele desenvolva habilidades e competências adequadas. Para tanto, o contador precisa ter uma boa formação universitária.

Rosovsky (1990, p.105-107, *tradução livre*) indica 5 pontos importantes no que se refere ao desenvolvimento intelectual que um curso de bacharelado deve proporcionar aos estudantes formados. Sinteticamente, são estas as considerações:

1- Ter a habilidade de pensar e escrever clara e efetivamente, ou seja, estar apto a se comunicar com precisão e coerência. Os estudantes deveriam ser treinados para pensar criticamente.

2- Reconhecer criticamente os caminhos pelos quais passamos para adquirir conhecimentos quando tentamos entender o universo, a sociedade ou nós mesmos. Para tanto, uma pessoa formada deve ter uma familiaridade com todas as ciências e seus métodos.

3- Conhecer outras culturas e outros tempos. Uma visão da história da humanidade permitirá que os graduados saibam dos caminhos e poderes que construíram o presente e que construirão o futuro.

4- Entender e ter experiências na reflexão ética e moral. Diante de um dilema, ou uma escolha, o estudante precisará ter um julgamento informado para que possa fazer escolhas com discernimentos morais.

5- Um indivíduo formado deve, finalmente, se especializar em alguma área do conhecimento.

Este último tópico apontado por Rosovsky nos leva ao entendimento de que a formação específica do contador não pode estar desvinculada deste processo maior de desenvolvimento intelectual e social do ser humano. A formação especializada em contabilidade seria, portanto, um elemento componente de um pressuposto maior que envolva muito mais do que os conhecimentos próprios da área contábil.

Nossa (1999, p.1) entende que “a Instituição de Ensino Superior é a principal organização que deve preparar os profissionais do futuro”. Neste espaço pode-se desenvolver juntamente com os futuros contadores uma postura dinâmica que esteja atenta ao contexto político-econômico da sociedade, às inovações tecnológicas e aos impactos do homem no meio-ambiente.

### 2.3 – Aula Expositiva

“Na aula expositiva, como o próprio nome diz, o foco está na exposição, feita por pessoas que tenham um conhecimento satisfatório sobre o assunto, e por isso, pode ocorrer o negligenciamento da importância do interesse e da atenção do aluno” (MARCHETTI, 2000, p.107).

Kueth (1977, p.153) entende por preleção “uma apresentação verbal, pelo professor, do conteúdo a ser aprendido”. A aula expositiva para Gil (1997, p.69) “consiste numa predileção verbal utilizada pelos professores com o objetivo de transmitir informações a seus alunos”. Muito próximo deste conceito está Nérici (1989, p.69): “consiste na apresentação oral de um tema logicamente estruturado. O recurso principal da exposição é a linguagem oral, que deve merecer o máximo cuidado por parte do expositor”.

A ênfase dada aos propósitos da aula expositiva pode variar, entretanto, “dependendo do estilo de ensino do professor e dos assuntos a serem trabalhados” (GODOY, 2000, p.76).

Nérici (1989, p.69) alerta a importância de se distinguir a exposição em duas posições didáticas:

- a) **Exposição dogmática**, em que a mensagem transmitida não pode ser contestada, devendo ser aceita sem discussões e com a obrigação de repeti-la por ocasião das provas de avaliação;
- b) **Exposição aberta**, em que a mensagem apresentada pelo professor é simples pretexto para desencadear a participação da classe podendo haver, assim,

contestação, debate e discussão sempre que oportuno e necessário. É neste sentido que hoje se entende o método expositivo nos domínios da educação.

Sendo assim,

é preciso considerar que sob o rótulo 'aula expositiva' estão na realidade, representados diferentes comportamentos do professor em sala de aula: desde o docente, que permanece sentado lendo suas anotações sobre um determinado assunto, até aquele que entremeia a exposição, com perguntas dirigidas à classe, ou a termina com um debate geral sobre o assunto focado" (GODOY, 2000, p.76).

Segundo Nérici (1989, p.69), "o método expositivo é dos mais antigos no campo do ensino, assim como a cópia o ditado e a leitura". A estrutura do sistema de ensino que conhecemos tem origem na Idade Média. A instituição da Universidade remonta a este período como nos fala Haskins (1965, p.1, *tradução livre*): "as Universidades, assim como as catedrais e os parlamentos, são produtos da Idade Média". Durante este período, a aula expositiva foi um fator preponderante na metodologia de ensino; "naqueles tempos de poucos livros e nenhum laboratório era, sem dúvida, o único veículo de instrução".(HASKINS, 1965, p.45, *tradução livre*).

## **2.4 – Vantagens do uso da Aula Expositiva**

Para o desenvolvimento de um curso, a aula expositiva apresenta vários pontos benéficos no que se refere à escolha de uma estratégia didática. Godoy (2000, p.75) diz que

uma análise mais acurada sobre as possibilidades da aula expositiva faz-se necessária na medida em que sabemos ser ela uma das modalidades mais utilizadas pelo professor universitário em função da própria estrutura e carência de recursos humanos e materiais que caracterizam a educação de terceiro grau no nosso país.

As vantagens deste método apresentadas por Gil (1997) são as seguintes:

- Poupa tempo dos professores na preparação;
- Possível transmitir, num tempo menor, grandes quantidades de informações;
- Minimiza o desconforto dos estudantes em disciplinas que seriam pouco assimiladas apenas pela leitura;
- Pode apresentar uma primeira visão de um novo tema;
- É fundamental quando existem muitos livros que tratem do assunto ou o oposto;
- Necessárias quando os alunos não estão, intelectualmente, habilitados e tendem aprender mais ouvindo do que lendo;
- Ideal quando se necessita de um ambiente estruturado para o aprendizado e apresentam dificuldades em lidar com texto escrito e usar com eficiência material bibliográfico indicado pelo professor;
- Requer um mínimo de preparação e conduta dos envolvidos – uma vez que já participaram da técnica inúmeras vezes;
- Ser a estratégia de custo mais baixo a ser utilizada;
- Requer um mínimo de conhecimento prévio para sua utilização;
- Ser flexível o suficiente para ser utilizada em conjunto com várias outras existentes;
- Ser um meio rápido, onde o conteúdo a ser apreendido é apresentado em sua forma final;

- Requerer do estudante apenas o entendimento da mensagem, procurando, simultaneamente, desenvolver seu raciocínio crítico.

Uma outra justificativa de uso das aulas expositivas é a quantidade de alunos por sala. Geralmente a adoção de outros métodos didáticos mais interativos que as aulas expositivas requer uma quantidade relativamente proporcional dentro de uma sala para que seja viável a participação de todos. Mas encontramos hoje no Brasil as salas de aula com um grande número de alunos o que leva a maioria dos professores a adotarem a aula expositiva como única forma de conduzir as aulas.

Ronca (1988, p.106) questiona justamente este aspecto: “Mas como será possível adotar outra técnica que leve a uma maior participação numa sala de aula do ensino superior que contém 150 alunos?”.

## **2.5 – Desvantagens do uso da Aula Expositiva**

Para Andrade (2002, p. 49), a aula expositiva “caracteriza-se pela autoridade do professor diante de seu aluno, provocando sérios problemas de comunicação”. Também a condução da narração pelo professor pode ser sinônima de dificuldades para um aluno na medida em que “uma palavra desconhecida mencionada, um ritmo de fala maior do que o habitual, muitas idéias expostas ao mesmo tempo pode fazer com que a informação a ser transmitida não seja retida” (MARCHETTI, 2000, p.107).

A questão da economia proporcionada pela aula expositiva é posta em dúvida por Daroca (1994, p.319) quando este a compara com as aulas onde se enfatiza a auto-aprendizagem, método que é muito presente hoje em Universidades dos Estados Unidos e da Europa: "Devido à mudança de alunos e limites de orçamento, dar uma aula em uma sala tradicional com exposições e discussões está sendo questionado por causa da sua relativa ineficiência de custo quando comparada com aulas de estudos individuais” (*tradução livre*).

Outra crítica que se faz às aulas expositivas é que, como sugere Ronca (1988, p.86), neste método “o conteúdo a ser aprendido é apresentado ao aprendiz na sua forma final e a tarefa da aprendizagem não envolve nenhuma descoberta independente por parte do estudante”.

A impressão que temos dos tópicos levantados como vantagens da aula expositiva no item anterior, tendem a sustentar alguns problemas que encaramos na realidade da educação do nosso país como:

- a falta de envolvimento dos professores. Como a aula expositiva permite que o professor poupe tempo ao preparar suas aulas ele não estará empenhado em inová-las ou mesmo elaborar melhor seu planejamento. A mesma aula pode ser dada, por exemplo, para cinco turmas diferentes.

- a redução dos gastos com a educação. A justificativa do uso da aula expositiva por ser econômica pode ser justamente a premissa para que não se invista na educação o tanto quanto merece.

- a acomodação de alunos e professores. Já que não precisam se dar ao trabalho de se adaptarem a uma dinâmica diferente de aulas, alunos e professores se acomodam com as tradicionais aulas expositivas.

- transmissão de conhecimento. Não se pensa na educação como uma oportunidade de se construir conhecimentos a partir do que já existe, mas sim reproduzi-lo.

Sendo assim, a aula expositiva traz consigo uma série de questionamentos quanto a sua efetividade no que diz respeito aos objetivos da educação. “Mesmo que a aula expositiva

possa ser empregada para se atingir uma gama de objetivos educacionais, normalmente tem estado mais voltada à transmissão de conhecimentos” (GODOY, 2000, p.75). Uma destas questões é referente à posição ocupada pelo aluno neste processo, como bem indica Marion (2001, p.33): “o aluno fica numa posição passiva e o professor ativa, no sentido de transmitir conhecimentos e apontar erros cometidos”. Isso pode ser preocupante na opinião de Singer (2004, p.19) porque, segundo ele, “somos todos autodidatas, pois não há aprendizado verdadeiro em que a curiosidade do aprendiz não tenha papel crucial”.

## 2.6 – Concepção de Educação da Aula Expositiva

Percebidas as vantagens e desvantagens do uso da aula expositiva, somos levados ao caminho do questionamento a respeito da concepção de educação que fundamenta tal método assumido pelos seus agentes.

Segundo Ronca (1988, p.107), o problema maior não é o privilégio dado ao uso da aula expositiva pelos educadores, “mas muito mais, a concepção de educação e ser humano que está por trás deste privilégio: o homem enquanto objeto e não como sujeito do seu próprio desenvolvimento”.

Esta noção de educação, Freire (2001, p.128) denomina como

concepção “bancária” da educação, pois ela faz do processo educativo um ato permanente de *depositar* conteúdos. Ato no qual o depositante é o “educador” e o depositário é o “educando”. A concepção bancária – ao não superar a contradição educador-educando, mas, pelo contrário, enfatizá-la – não pode servir senão à “domesticação” do homem.

Da não superação dessa contradição, decorre:

- a) que o educador é sempre quem educa; o educando o que é educado;
- b) que o educador é quem disciplina; o educando o disciplinado;
- c) que o educador prescreve; o educando segue a prescrição;
- d) *que o educador é quem fala; e o educando o que escuta;*
- e) que o educador escolhe o conteúdo dos programas; o educando o recebe na forma de “depósito”;
- f) que o educador é o sujeito do processo; o educando seu objeto.

Segundo essa concepção, o educando é como se fosse uma caixa na qual o “educador” vai fazendo seus “depósitos”. Uma caixa que vai se enchendo de “conhecimentos”, como se o conhecer fosse o resultado de um ato passivo de receber doações ou imposições de outros. (*grifos nossos*)

A objeção aos métodos tradicionais de ensino é apontada por Marion (2001, p.35) ao dizer que estes “constituem-se em obstáculos para que os estudantes se tornem ‘pensadores críticos’, já que recebem tudo ‘mastigado’”.

Nesse sentido, concordamos que nesta concepção de educação

não pode haver conhecimento pois os educandos não são chamados a conhecer, mas a memorizar o conteúdo narrado pelo educador. Não realizam ato cognoscitivo, uma vez que o objeto que deveria ser posto como incidência de seu ato cognoscente é posse do educador e não mediatizador da reflexão crítica de ambos. (FREIRE, 2001, p.69)

No modelo tradicional de educação, “o educador é o detentor do saber, é aquele que já se disciplinou e apresenta aos alunos o conteúdo de forma acabada e definitiva, que não admite contestação. É o centro do processo educativo” (FERREIRA, 2003, p.2). Ora, Freire (2001, p.68) nos alerta que “a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato

de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir ‘conhecimentos’ e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação ‘bancária’, mas um ato cognoscente”.

Quanto à nossa questão sobre se a formação crítica do contador não é abalada pelo uso das aulas expositivas, consideramos que este método não valoriza o diálogo defendido por Freire e tem o seu fluxo de comunicação em sentido unívoco. Sendo assim, precisamos ver se numa comunicação onde não existe o diálogo também a acriticidade é estimulada. Freire (2001, p.83) estabelece a relação entre o pensar crítico e o diálogo quando diz que “somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo”.

Dentro deste contexto apresentado, uma alternativa para o papel do professor na sala de aula é entendê-lo não mais como “aquele que professa” (como nos sugere a origem etimológica desta palavra), mas sim como um mediador do desenvolvimento da aprendizagem dos educandos. O professor não seria, então, um mero divulgador do conhecimento acumulado por gerações anteriores.

O professor mediador conduz as atividades das aulas no sentido de propiciar que os próprios alunos através de sua bagagem construam conceitos e proposições. Estas atividades não poderão estar dissociadas, porém, da teoria já existente. Com o intuito de facilitar este processo de ensino-aprendizagem, o professor assume a função da “intervenção. O professor deve ser mediador do diálogo do aluno com o conhecimento. O professor não se faz igual ao aluno, assume a diferença, a assimetria inicial. O trabalho educativo caminha na direção da diminuição gradativa dessa diferença. Dirigir é ter uma proposta clara de trabalho pedagógico. É propor, não impor” (FERREIRA, 2003, p.5).

A função não diretiva consiste em ver o educando como *sujeito* e não como *objeto* do ensino. Consiste em crer nas possibilidades do aluno e na convicção de que respeitando-lhe a liberdade ele se desenvolve mais plenamente. O professor, assim, tem de favorecer, na escola, um clima de liberdade e segurança que permita ao educando ser sujeito do seu próprio ensino e expressar-se espontaneamente (NÉRICI, 1989, p.41).

### **3 – Análise dos Resultados**

#### **3.1 – Entrevista com professores e alunos**

As entrevistas foram conduzidas e gravadas durante os meses de maio e junho de 2005. Por questões de ética, os entrevistados não serão identificados no trabalho, sendo que a atribuição de letras nas citações posterior é aleatória. Não serão elencadas aqui todas as respostas de todos os entrevistados. Será feita uma seleção que esteja coerente com o objetivo da pesquisa. Todas as perguntas estão dispostas no final deste trabalho (Anexo)

Foram feitas perguntas que pudessem servir de guia para a conversa que tinha como objetivo detectar a percepção que se tem a respeito dos métodos didáticos da Contabilidade, mais especificamente a Aula Expositiva, com base em suas experiências. O entendimento do conceito da Aula Expositiva foi diferente para cada um dos entrevistados.

Para o Prof. A, por exemplo, a Aula expositiva é “uma aula em que o professor, tendo se preparado previamente apresenta as idéias do tema do dia dentro de um modelo básico clássico que tem introdução, assuntos e conclusão”. Já o Prof. B a entende como “uma maneira antiga e ultrapassada de um professor se relacionar com seus alunos. Fazia muito sentido quando não dispúnhamos de meios avançados de comunicação, afinal de contas, com a Internet o aluno pode receber informações antes mesmo dos professores”. Para os Profs. C e D, uma forma útil de o professor trazer conteúdos na esperança de que os alunos possam



assimila-los. Para o Prof. E, “como o próprio nome já diz, um método em que o professor só fala e o aluno ouve”.

Para a maioria dos alunos, o conceito de aula ficou extremamente associado ao conceito de Aula Expositiva. Isso provavelmente se deve ao fato de que este método, como já foi tratado, ao longo dos séculos caracterizou em demasia as aulas tradicionais o que levou à identificação comum da preleção com uma concepção superior de educação. Podemos perceber isso no relato do Aluno A quando ele diz que a Aula Expositiva é aquela “em que o professor chega e expõe o que ele sabe sobre o assunto perante a sala”.

Tanto nos relatos dos professores como nos dos alunos a Aula Expositiva foi relacionada ao ato de falar do professor o que leva ao entendimento geral de que a educação é vista como uma retenção de palavras faladas.

A principal vantagem da Aula Expositivas, segundo o Prof. F é “a possibilidade de se colocar emoção e sentimento no conteúdo, em detrimento de livros textos que são excessivamente teóricos”. Com este método, o “professor consegue desenvolver seu programa de ensino de maneira racional e organizada” (Prof. G) e ter “controle de tempo e conteúdo das aulas. Pelo menos ele *acha* que tem controle sobre isso” (Prof. H). “Encadear um assunto do início ao fim fica muito mais administrável com a Aula Expositiva” segundo o Prof. I.

Quanto às desvantagens, podemos citar: “a dificuldade dos alunos de se manifestarem com relação ao assunto discutido em sala de aula: não há uma discussão ampla e profunda, mas sim uma superficial” (Prof. J) e que “O aluno demora mais tempo para absorver do que se ele fosse buscar a aprendizagem por ele mesmo” (Prof. K). Já o Prof. L diz que “este método causa mais passividade que acomoda o aluno já que ele não se preocupa com seu processo: está nas mãos do professor”.

As dificuldades de uso da Aula Expositiva que os professores mais levantaram foram relacionadas ao comportamento dos alunos (bem como o fato de este não se preparar para a aula), ao tema específico de sua matéria e ao cansaço e desmotivação que este método propicia ao aluno. Um comentário interessante de um professor é que ele sente a seguinte dificuldade no processo geral das aulas: “como ensinar se o aluno não quer aprender?”

Na pergunta que pede para que se considere o sucesso ou fracasso de uma aula expositiva mais ao professor ou mais ao aluno tentou-se perceber qual a noção de responsabilidade que a cada um dos dois era atribuído pelos entrevistados. A maioria dos alunos atribuiu aos dois pesos iguais. Já com relação aos professores, eles se atribuíram maior responsabilidade do sucesso ou fracasso das aulas (já que eles que conduzem a exposição). O argumento levantado para sustentar esta posição é de que o aluno de graduação não tem muita noção de suas responsabilidades (diferentemente de um aluno de pós-graduação que inclusive teria uma relação mais aberta com os professores e outros alunos dentro da sala de aula).

Quando foram perguntados se gostariam de utilizar outros métodos, alguns professores citaram a dramatização, o estudo de caso, visita de campo, seminários e meios de tecnologia e informática. Um estímulo para que os professores procurem métodos alternativos à exposição foi dado pelo Prof. M “os alunos são sempre receptivos às coisas novas. Ainda que existam disciplinas que usem o quadro, ainda assim dá para ter a interação com a turma de forma dinâmica, usando experiências dos alunos que possam ser compartilhadas”.

Na questão sobre a desatenção dos alunos, muitos professores disseram que não necessariamente esta estava relacionada ao método de ensino já que o aluno traz para sala de aula problemas do seu cotidiano, mas por outro lado, em outros momentos a sua desatenção se deve à falta de dinâmica e interação na sala de aula. Para o Prof. N, “se os alunos estão desatentos, ele (*o professor*) não conseguiu despertar a atenção do aluno. Tanto alunos quanto

professores devem se preparar e ficar o tempo todo espertos”. Já para o Prof. O, “a desatenção não tem relação nenhuma com o método. Na verdade os principais problemas do sistema educacional são de ordem sócio-econômica tanto que os métodos da pedagogia inovadora são muito bem sucedidos somente em países desenvolvidos e aqui não conseguimos que o aluno participe das aulas justamente porque estamos num país subdesenvolvido”.

No geral, para os alunos entrevistados, o motivo da desatenção dos mesmos deve-se à má *atuação* do professor, ou seja, ao fato de não ter o domínio da fala, ou de “enrolar” no assunto. Na opinião da maioria, a desatenção não está relacionada, então, ao método de ensino mas sim à performance do professor, como diz o Aluno B “o problema não é a Aula Expositiva. Um professor pode usar este método tão bem que prende a atenção de todos na aula assim como se ele não usá-lo adequadamente, o inverso vai acontecer”.

A discussão sobre o papel que o aluno assume na dinâmica da aula expositiva mostrou posições que giraram em torno das responsabilidades que este deveria ter se preparando para as aulas por parte dos professores. Na opinião dos alunos a importância de sua participação nas aulas para que eles desenvolvam habilidades que os ajudarão no seu desenvolvimento profissional está clara. Na verdade o que está mais confuso é como se deve acontecer esta participação já que para muitos deles participar é somente ter atenção na aula deixando de lado interações mais dinâmicas que estimulam a aprendizagem como já foi visto na revisão bibliográfica. Muitos alunos inclusive contestaram a forma como está sendo desenvolvida esta participação: através de seminários que estão servindo como um pretexto para que os professores deixem de dar aula. Por não terem com seus colegas de classe a mesma segurança que teriam se o professor fosse o responsável por definir e controlar o processo de trabalho do conhecimento em sala de aula, os alunos acabam preferindo, então, serem “autodidatas” (ora, se terão de aprender com alunos que estão no mesmo nível hierárquico deles, é melhor aprender consigo mesmo).

A pergunta feita com relação à inevitabilidade de uso da Aula Expositiva no curso de Ciências Contábeis apontou uma resposta geral tanto dos professores como dos alunos para as matérias do cerne da Contabilidade (Introdutória, Intermediária e Avançada). Muitos deles dirigiram ainda mais a atenção às disciplinas introdutórias do curso, pois supostamente os alunos não teriam conhecimento nenhum sobre elas, precisando, portanto de mais exposição do professor e menos participação do aluno.

### **3.2 – Análise dos dados do Provão**

Os dados disponibilizados pelo INEP-MEC referente à avaliação das IES de 2002 e 2003 chegaram por meio digital e compõem uma amostra de 22.694 e 23.014 alunos respectivamente. Os arquivos da tabulação estão divididos em três categorias:

- perfil sócio-econômico dos alunos
- resultados das provas (conceitos)
- avaliação do curso e da IES (segundo a percepção dos alunos)

Este terceiro item será mais utilizado já que engloba questões referentes aos métodos de ensino utilizados e a contribuição do curso para a formação dos alunos.

Como pode ser observada na *tabela 1*, a frequência de aulas expositivas com participação dos alunos aumentou de 2002 para 2003 e continuou sendo a mais respondida pelos alunos, seguido pela preleção e os trabalhos em grupo (que diminuíram um pouco).

<i>Técnica predominantemente utilizada</i>	2002	2003
--	------	------

Aulas expositivas (Preleção)	25%	22%
Aulas expositivas, com participação dos alunos	44%	49%
Aulas práticas	4%	5%
Trabalhos de grupo, desenvolvidos em sala de aula	16%	14%
Outra	4%	4%
Inválidos	7%	6%
<b>Totais</b>	100%	100%

Tabela 1. Fonte: INEP-MEC (Provão Ciências Contábeis 2002 e 2003).

O problema desta questão é que ela pergunta apenas a técnica predominantemente utilizada, ou seja, não será possível nas análises fazer tantas combinações destas proporções com as de outras questões. Entretanto, podemos saber se estas pessoas que tiveram predominantemente a preleção tiveram uma boa contribuição para formação, e assim por diante, como será feito nos próximos passos.

No ano de 2002 a habilidade mais desenvolvida pelos alunos que tiveram predominantemente a preleção foi a de raciocinar logicamente (41%), pelos alunos que tiveram a exposição com participação foi analisar criticamente (41%), pelos alunos que tiveram aulas práticas predominantemente também foi raciocinar logicamente (36%), enquanto que os alunos que tiveram os trabalhos de grupo como técnica predominante desenvolveram mais a habilidade de trabalhar em equipe (32%) e os que tiveram outras técnicas desenvolveram mais habilidade em resolver problemas e tomar decisões (28%).

Os aspectos relativos à contribuição para a formação do ano de 2003 estão abertos em 10 questões (diferentemente do ano anterior em que só uma questão contemplava todos os aspectos). A pergunta a respeito da contribuição para desenvolvimento de competências pelos alunos no ano de 2003 foi preenchida de acordo com a seguinte escala: “contribuiu amplamente”, “contribuiu parcialmente”, “contribuiu muito pouco”, “não contribuiu de forma alguma” e “não considero ter desenvolvido esta competência”. A seguir será apresentada na *tabela 2* a questão avaliada bem como o nível de contribuição mais apreciado pelos alunos com sua respectiva porcentagem.

<b>Contribuição de formação das IES em 2003</b>	<b>Resultados gerais (Frequência)</b>
1 - Atuação ética, com responsabilidade social, para a construção de uma sociedade incluyente e solidária.	Contribuiu amplamente (41%)
2 - Organização, expressão e comunicação do pensamento.	Contribuiu parcialmente (44%)
3 - Raciocínio lógico e análise crítica.	Contribuiu parcialmente (43%)
4 - Compreensão de processos, tomada de decisão e resolução de problemas no âmbito de sua área de atuação.	Contribuiu parcialmente (42%)
5 - Atuação em equipes multi, pluri e interdisciplinares.	Contribuiu parcialmente (39%)
6 - Atuação profissional responsável em relação ao meio-ambiente.	Contribuiu parcialmente (31%)
7 - Observação, interpretação e análise de dados e informações.	Contribuiu parcialmente (43%)
8 - Utilização de procedimentos de metodologia científica e de conhecimentos tecnológicos para a prática da profissão.	Contribuiu parcialmente (40%)
9 - Utilização de recursos de informática necessários para o exercício profissional.	Contribuiu parcialmente (34%)
10 - Assimilação crítica de novos conceitos científicos e de novas tecnologias.	Contribuiu parcialmente (38%)

Tabela 2. Fonte: INEP-MEC (Provão Ciências Contábeis 2003).

De maneira geral as IES não estão contribuindo de maneira adequada na formação dos graduados em Ciências Contábeis do ano de 2003, segundo a *tabela 2*. Caberá agora uma análise de relação destes resultados com as técnicas adotadas pelas IES.

Na *tabela 3* a seguir está relacionada a cada questão (da *tabela 2*) a proporção de respostas dos dois métodos mais respondidos em 2003 (conforme a *tabela 1*).

Questão	Preleção		Exposição com participação	
	Amplamente	Parcialmente ou muito pouco	Amplamente	Parcialmente ou muito pouco
1	34%	59%	51%	46%
2	22%	72%	38%	60%
3	26%	70%	43%	55%
4	26%	68%	42%	56%
5	16%	69%	28%	65%
6	15%	60%	27%	61%
7	27%	68%	41%	56%
8	16%	72%	29%	66%
9	14%	69%	25%	67%
10	13%	70%	24%	69%
Média	21%	68%	35%	60%

*Tabela 3.* Fonte: INEP-MEC (Provão Ciências Contábeis 2003).

Se compararmos, no geral, a *preleção* com a *exposição com participação* veremos que a que mais amplamente contribui para o desenvolvimento das competências elencadas anteriormente é esta segunda já que sua média de contribuição é de 35% e a da outra é de 21%. Além disso, o índice médio que indica que a *preleção* contribui parcialmente ou muito pouco (68%) é maior do que a da *exposição com participação* (60%). Na pergunta 1 da *tabela 3*, por exemplo, apenas 34% dos alunos que tiveram como técnica dominante a *preleção* acreditam que a IES contribuiu amplamente para sua formação ética e social, enquanto que 59% acreditam que esta contribuiu parcialmente ou muito pouco. Com a técnica da *exposição com participação* os dados foram respectivamente 51% e 46%.

#### 4 – Considerações Finais

De acordo com a análise dos dados do Exame Nacional de Cursos nos anos de 2002 e 2003, para os cursos de Ciências Contábeis do Brasil, a participação dos alunos em sala de aula mostrou-se mais válida para a formação dos alunos de Ciências Contábeis do que sua submissão às aulas expositivas exclusivas (*preleção*).

Muitas dificuldades foram apontadas nas entrevistas com relação à participação dos alunos. Entendemos que estas devem ser revistas e discutidas entre os envolvidos no processo para que se evite os problemas analisados no uso do método das aulas expositivas e para que realmente se possa aperfeiçoar a didática do curso de ensino superior em Ciências Contábeis e conseqüentemente a competência dos profissionais da área.

Percebeu-se, de maneira geral com as entrevistas que a maioria dos professores estão inteirados das discussões sobre a Educação da Contabilidade e que têm uma tendência (muitas vezes referendada na prática) de usar métodos didáticos alternativos à *preleção* para que possam assim proporcionar uma motivação maior aos alunos. Sendo assim, estes

participariam mais nas aulas ao longo do curso (através de um envolvimento intenso nas aulas com atividades práticas, trabalhos de pesquisa, idas a campo e apresentações em sala de aula).

Por parte dos alunos, as discussões sobre o tema em questão estavam muito fora de seus cotidianos e houve uma certa dificuldade em se entender o rumo que estava sendo proposto com a entrevista. Em vários momentos percebeu-se contradições nas respostas por parte destes, caracterizando então que não existe para eles uma clareza de idéias dos aspectos relacionados à Aula Expositiva. O tom de fala dos alunos foi superior da dos professores e evidenciou muitas insatisfações que normalmente não são colocadas em sala de aula (as insatisfações que foram levantadas pelos professores normalmente são já *expostas* no dia-a-dia e pareceram estar mais conformadas do que as dos alunos).

As evidências de que o aluno é um indivíduo passivo no seu processo de ensino-aprendizagem se devem ao fato de que eles não se apropriam deste declaradamente (ficando o professor inteiramente responsável por ele) e também por se mostrarem com mais sugestões e opiniões não refletidas além de não organizadas (diferentemente dos professores que defenderam claramente seus pontos de vista a respeito do tema).

Um caminho interessante para que o professor do curso de Ciências Contábeis considere a realidade de condições que sua instituição de ensino oferece e ao mesmo tempo não se fechar no mundo problemático da aula expositiva é conjugar a exposição com outros métodos.

Outros estudos que correlacionem métodos didáticos especificamente no curso de Ciências Contábeis são requeridos bem como pesquisas adicionais que possam contribuir com as análises de concepção de educação presente no mundo contábil.

## 5 – Referências

ANDRADE, Cacilda Soares de. **O ensino de contabilidade introdutória nas universidades públicas do Brasil**. São Paulo, 2002. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade – USP.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Dados do provão relativos ao curso de Ciências Contábeis do ano de 2002 e 2003**.

DAROCA, Frank P., NOURAVI, Mahmoud M. **Some performance and attitude effects on students in managerial accounting: Lecture vs. Self-Study courses**. Issues in Accounting Education; Fall 1994, Vol. 9 Issue 2, p319, 11p.

FERREIRA, Maria José Vale. **Concepções de Educação**. In: Apostila do curso de Capacitação Inicial de Educadores de Jovens e Adultos do Centro Cida Romano para a Formação de Educadores. São Paulo, Instituto Sedes Sapientiae, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 31.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Metodologia do Ensino Superior**, 3.<sup>a</sup> ed. São Paulo, Atlas, 1997.

GODOY, Arilda Schmidt. **Reverendo a aula expositiva**. In: MOREIRA, Daniel Augusto (Org.). Didática do ensino superior: técnicas e tendências. São Paulo, Pioneira, 2000.

HASKINS, Charles Homer. **The Rise of Universities**. Ithaca. London: Cornell Paperbacks – Cornell University Press, 1965.

KUETHE, James L. **O processo ensino-aprendizagem**. Porto Alegre, Editora Globo, 1977.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.<sup>a</sup> ed. São Paulo, Atlas, 2003.

MARCHETTI, Ana Paula do Carmo. **Aula expositiva, seminário e projeto no ensino de engenharia: um estudo exploratório utilizando a teoria das inteligências múltiplas**. São Carlos, 2001. Dissertação (Mestrado). Escola de Engenharia de São Carlos – USP.

MARION, José Carlos. **Preparando-se para a profissão do futuro**. Pensar Contábil, Ano I, n.º 2. Rio de Janeiro, novembro, 1998.

MARION, José Carlos. **O ensino da contabilidade**, 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo, Atlas, 2001.

NÉRICI, Imidio G. **Metodologia do Ensino, uma Introdução**. São Paulo. Atlas, 1981.

NOSSA, Valcemiro. **Ensino da contabilidade no Brasil: uma análise crítica da formação do corpo docente**. São Paulo, 1999. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade – USP.

RONCA, A. Carlos Caruso, ESCOBAR, V. Ferreira. **Técnicas pedagógicas: domesticação ou desafio à participação?** 5.<sup>a</sup> ed. Petrópolis, Vozes, 1988.

ROSOVSKY, Henry. **The University – An Owner’s Manual**. New York. London, W. W. Norton & Company, Inc., 1990.

SILVA, Renato. **Metodologias aplicadas ao ensino da Contabilidade**. Revista de Contabilidade do CRC-RS. Rio Grande do Sul, julho, 2003.

SINGER, Paul. **A Economia Solidária como ato pedagógico**. In: KRUPPA, Sonia M. Portella (Org.). **Economia solidária e educação de jovens e adultos**. Brasília, INEP, 2005.

## **6 – Anexo**

### **6.1 – Perguntas direcionadas aos professores do curso de graduação em Ciências Contábeis da FEA/USP.**

Com base na sua experiência e em seu conceito, o que é a aula expositiva?

Quais as vantagens da aula expositiva?

E as desvantagens?

Quais métodos didáticos que você mais usa em sala de aula?

Já teve alguma dificuldade usando a aula expositiva? Qual?

O sucesso ou fracasso das Aulas Expositivas está ligado ao professor ou ao aluno?

Gostaria de utilizar outro método? Qual? Por que ainda não usou?

A desatenção dos alunos está associada com o método utilizado pelo professor?  
Qual o papel que o aluno assume dentro da dinâmica da aula expositiva?  
Qual a função do professor dentro da sala de aula: expor ou mediar?  
Existem disciplinas em Ciências Contábeis onde a aula expositiva é inevitável?

**6.2 – Perguntas direcionadas aos alunos do curso de graduação em Ciências Contábeis da FEA/USP.**

Em sua opinião, o que é a aula expositiva?  
Quais métodos didáticos que são mais usados em sala de aula?  
A desatenção dos alunos está associada com o método utilizado pelo professor?  
O sucesso ou fracasso das Aulas Expositivas está ligado ao professor ou ao aluno?  
Qual a função do professor dentro da sala de aula?  
A sua participação em sala de aula é importante para a sua aprendizagem?  
Como pode acontecer esta participação?  
Gostaria de que outro método fosse utilizado pelos professores? Qual?  
Existem disciplinas em Ciências Contábeis onde a aula expositiva é inevitável?